

IDENTIDADE CULTURAL E CONFLITO INTERGERACIONAL EM *AGUAPÉS E O XARÁ*

Shirley de Souza Gomes Carreira¹

RESUMO: Em *Ulysses*, de James Joyce, nas figuras do “ficador centripetal” e do “partidor centrifugal”, o autor problematiza a dialética da migração, ou seja, a tensão entre o apelo do enraizamento e a tentação da errância, que viria a se tornar temática recorrente ao longo do século XX e também no século XXI. Partindo dessa dialética, este trabalho visa à análise da representação da identidade cultural e do conflito entre gerações de imigrantes indianos nos romances *Aguapés* e *O xará*, de Jhumpa Lahiri, à luz das perspectivas teóricas de Michel Maffesoli, Simon Harel, John Berry e Homi Bhabha.

Palavras-chave: Identidade cultural. Conflito intergeracional. Imigração.

CULTURAL IDENTITY AND INTERGENERATIONAL CONFLICT IN *THE LOWLAND AND THE NAMESAKE*

ABSTRACT: In James Joyce’s *Ulysses*, in the figures of the “centripetal remainder” and the “centrifugal departer”, the author problematizes the dialectics of migration, that is, the tension between the appeal of rooting and the temptation of wandering, which would become a recurring theme throughout the 20th century and also in the 21st century. Departing from that dialectics, this work aims at the analysis of the representation of the conflict between generations of Indian immigrants in Jhumpa Lahiri’s novels *The Lowland* and *The namesake* in the light of the theoretical perspectives of Michel Maffesoli, Simon Harel, John Berry e Homi Bhabha.

Keywords: Cultural identity. Intergenerational conflict. Immigration.

O homem sedentário inveja a existência nômade, a procura por pastagens verdes e o vagão pintado que serve de casa sobre rodas, cujo percurso segue as estrelas.

Theodor Adorno, Mínima moralia: Reflexões a partir da vida lesada.

Introdução

Em *Ulysses*, James Joyce expressa por meio de dois dos seus personagens, Leopold Bloom e Stephen Dedalus, as características que objetivamente ligam a migração à

¹Doutora em Literatura Comparada; Mestre em Linguística Aplicada; com Pós-Doutorado em Literaturas de língua Inglesa. Líder do Grupo de Pesquisa Poéticas da Diversidade. Bolsista do Programa Prociência UERJ/FAPERJ. Bolsista de Produtividade em Pesquisa CNPq. E-mail: shirleysgcarr@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8787-8283>

experiência do homem na modernidade. Ao primeiro, cuja aventura é a volta para casa, ele atribui o papel de “ficador centripetal” (*centripetal remainer*) e ao segundo, cujo exílio é uma aventura sem volta, o de “partidor centrifugal” (*centrifugal departer*). Essas descrições elaboradas por Joyce dão conta da dialética da migração e emblematizam a tensão entre o apelo do enraizamento e a tentação da errância.

Para Michel Maffesoli, a errância e o sedentarismo são estados que fazem parte da natureza social, e “se anulam num mundo flutuante” (MAFFESOLI, 2001, p. 93). Sem se destituir de seu caráter unitário, o sujeito contemporâneo é um nômade de identidades (MAFFESOLI, 2001, p. 90), que assume diferentes papéis e se porta de acordo com identidades provisórias, das quais ele logo se desfaz para desempenhar outros papéis dentre os inúmeros possíveis na esfera social. As reflexões de Maffesoli (2001) sobre o nomadismo pós-moderno se alinham aos estudos sobre as migrações contemporâneas.

A intensa mobilidade de pessoas através do globo fez surgir uma vertente literária que passou a ser denominada Literatura de Migração, cujo foco é a ficcionalização do processo de aculturação de migrantes nos países de acolhimento. Embora atualmente o termo seja amplamente contestado por, de certo modo, criar uma espécie de gueto para escritores imigrantes, criando a expectativa implícita de que eles escrevam exclusivamente sobre as experiências de migração e exílio, o fato é que foram esses escritores que deram visibilidade às dificuldades enfrentadas pelos imigrantes em solo estrangeiro.

Outro aspecto relevante é que as obras literárias sobre o tema revelam que imigrantes de diferentes nacionalidades e etnias têm experiências diferentes, que estão também relacionadas a estereótipos socialmente criados. Assim, a experiência de um imigrante africano tem especificidades se comparada à de imigrantes indianos, chineses ou latinos.

Se, por um lado, estudos voltados à Psicologia Intercultural sinalizam a existência de modelos bidimensionais de aculturação (BERRY, 2004), que são representados por meio da ficção e vão além do questionável processo de assimilação cultural, por outro, há críticos que afirmam que já não se pode pensar em termos de uma literatura de imigração apoiada na oposição binária entre grupos majoritários e minoritários (HAREL, 2003, OUELLET, 2005), preferindo usar a denominação “escrita migrante” para designar um espaço de entrecruzamento de culturas, em que é possível ouvir as vozes plurais do mundo, traduzindo-se nas formas de percepção do outro e de apreensão da própria alteridade. O fato é que a

desigualdade e a xenofobia continuam a operar e boa parte dos imigrantes vivencia não apenas a invisibilidade social, como também a vulnerabilidade econômica que, via de regra, é tematizada nessas narrativas.

Simon Harel (2005), ao pensar a literatura escrita por imigrantes no Quebec, detecta duas fases, a topográfica — centrada nas relações com a terra natal e na experiência do exílio — e a topológica, que se resume em uma interpretação móvel do lugar, ou seja, o modo como o estrangeiro constrói o seu espaço em um novo país. Muito embora o nosso foco neste estudo não seja a literatura de migração produzida no Quebec, mas nos Estados Unidos, essas fases permitem uma leitura particularizada da obra de Jhumpa Lahiri, autora de ascendência indiana, nascida na Inglaterra e residente nos Estados Unidos.

O exame das narrativas de Lahiri mostra uma clara distinção entre as fases topográfica e topológica na concepção dos personagens, mas também revela um aspecto sobre a recepção social do imigrante indiano nos Estados Unidos. Os indianos são considerados como uma minoria modelo, que migra para obter qualificação profissional e, geralmente, tem uma situação econômica superior à média estadunidense (BADRINATHAN; KAPUR; KAY; VAISHNAV, 2021).

As personagens de Lahiri oscilam entre imigrantes de primeira e segunda geração. No caso desses últimos, há sempre uma crise identitária, não raro acompanhada de conflito familiar. Para os fins de estudo, examinaremos personagens de duas obras: *Aguapés* (2014) e *O xará* (2014).

Jhumpa Lahiri: escritora migrante

Nilajana Sudeshna ‘Jhumpa’ Lahiri, escritora descendente de indianos bengaleses, nasceu em Londres, após seus pais migrarem para a Inglaterra. Sua família mudou-se para o estado de Rhode Island, nos Estados Unidos, quando Lahiri tinha dois anos de idade, país onde cresceu e foi educada.

Lahiri estudou na Boston University, onde fez mestrado em Escrita Criativa e Estudos Comparados e doutorado em Estudos Renascentistas. Após o doutoramento, recebeu uma bolsa com duração de sete meses na Fine Art Works Center of Provincetown, em Massachusetts, quando decidiu que se tornaria escritora. Lahiri tornou-se conhecida após a

publicação de *Interpreter of maladies* (1999), que venceu o Pulitzer Prize for Fiction (2000) e o PEN/Hemingway Award (2000).

Em 2001, casou-se com o jornalista e tradutor estadunidense de origem guatemalteca Alberto Vourvoulias, com quem tem dois filhos: Octavio, nascido em 2002 e Noor, nascida em 2005. Publicou ainda *Unaccustomed Earth* (2008) e dois romances, *The Namesake* (2003) e *The Lowland* (2013), que obtiveram sucesso de crítica e de público. Em 2012, mudou-se com sua família para Roma e, em 2015 publicou um pequeno romance em italiano, intitulado *In Altre Parole*. Atualmente, ministra aulas de tradução na Princeton University.

The Lowland, que recebeu o título de *Aguapés*, em português, foi finalista do Man Booker Prize 2013 e do National Book Award 2013 e venceu o DSC Prize for Literature de 2015. Em 2018, lançou seu primeiro romance em italiano, *Dove mi trovo*, traduzido para o inglês com o título *Whereabouts*.

Lahiri relata que quando começou a escrever, não tinha em mente que o assunto seria a experiência da migração. “O que me atraiu para o meu ofício foi o desejo de forçar os dois mundos que eu ocupava a misturarem-se na página, pois não era corajosa ou madura o suficiente para permitir que isso acontecesse em minha própria vida” (NEWSWEEK STAFF, 2006, tradução nossa).²

A experiência da migração em *Aguapés*

*My children have had other birthplaces, and, so far as their fortunes may be within my control, shall strike their roots into unaccustomed earth*³.

Nathaniel Hawthorne

A epígrafe de Hawthorne sugere que o destino dos homens pode ser mudado quando eles lançam suas sementes em solo novo e foi usada por Lahiri na coletânea de contos intitulada *Terra descansada*. Esse solo é justamente o espaço em que novas relações de pertencimento vão sendo construídas, não mais pautadas na cultura da terra natal, nem tampouco na cultura do país de adoção, mas no resultado de uma negociação entre culturas.

² No original: “What drew me to my craft was the desire to force the two worlds I occupied to mingle on the page as I was not brave enough, or mature enough, to allow in life”.

³ “Meus filhos tiveram outros locais de nascimento, e, tanto quanto sua sorte estiver sob o meu controle, deverão lançar suas raízes em terra descansada”.

A “expatriação”, ou seja, “o processo transcultural que pode ser desencadeado ao deslocarem-se fisicamente, virtualmente e imaginativamente – fora das fronteiras culturais e nacionais”⁴ (DAGNINO, 2012, p. 2), permite que os autores migrantes tenham novas perspectivas sobre suas experiências de vida, em relação à sua cultura e a de outros.

Em *Aguapés*, romance publicado em 2013, Lahiri narra a história de dois irmãos com temperamentos diferentes, cujas trajetórias dão origem ao enredo do romance. Subhash é um jovem de temperamento sereno e cordato que opta pela vida acadêmica e emigra para os Estados Unidos. Udayan é impulsivo, politizado e radical e envolve-se com o movimento naxalita. Idealista, ele se dispõe a sacrificar tudo pela luta por direitos e pelo fim da desigualdade social que tanto aflige o país.

Em 1964, o partido comunista da Índia se dividira em dois. O CPI manteve a lealdade ao Partido Comunista da União Soviética, enquanto o CPM juntou-se ao governo indiano. Alguns anos depois, no vilarejo de Naxalbari, próximo ao sopé do Himalaia, no Nepal e em Bangladesh, os conflitos pela posse da terra chegaram ao auge. As plantações de chá Darjeeling ainda eram administradas por empresas britânicas e eram comuns na área. Mediante a escassez de terras, um radical de classe média chamado Kanu Sanyal, aliado inicialmente do CPM, foi um dos três homens que lideraram os camponeses contra os proprietários locais. Os protestos dos pobres geraram problemas com a polícia, muitos dos quais foram treinados pelos britânicos, e esses conflitos se transformaram em violência extrema. Os proprietários foram decapitados. Os camponeses acreditavam que, como o CPM estava no poder, era aceitável corrigir o sistema por conta própria e pensavam que o CPM apoiaria sua revolta. Em vez disso, o CPM ficou do lado do governo de Bengala e 1.500 policiais foram instalados na área. Sanyal, depois de três anos escondido, foi levado para a prisão. É nesse contexto histórico que Lahiri situa seu romance.

Subhash e Udayan cresceram em Tollygunge, um bairro ao Sul de Calcutá, próximo a uma planície conhecida como Lowland, que era periodicamente inundada após as chuvas das monções e coberta por jacintos.

Após a graduação, os irmãos passam a fazer parte da estatística de desempregados da região e Subhash decide candidatar-se a programas de doutorado nos Estados Unidos, para

⁴No original: “the transcultural process that may be triggered by moving physically, virtually and imaginatively – outside one’s cultural and homeland borders”.

onde finalmente migra. A princípio, encantado com as novidades do país de acolhimento, Subhash desvinculara-se do país natal:

Era tão extrema a diferença que ele não conseguia acomodar os dois lugares em sua mente. Neste novo país enorme, parecia não haver lugar para o país anterior. Não havia nenhuma ligação entre eles dois; a única ligação era ele. Aqui a vida deixava de tolhê-lo ou de atacá-lo. Aqui a humanidade não estava sempre empurrando, forçando, correndo como que perseguida por um fogaçu (LAHIRI, 2014, p. 51).

Apesar de ter se adaptado com facilidade à nova cultura, depois de algum tempo, a lembrança constante da terra natal dá-lhe a certeza de que suas raízes ainda continuavam intactas, despertando um sentimento de nostalgia: “Ele pensou em Durga Pujo se aproximando mais uma vez em Calcutá. Quando estava começando a conhecer os Estados Unidos, a inexistência do feriado não o incomodara, mas agora sentiu vontade de voltar pra casa” (LAHIRI, 2014, p. 111).

O relacionamento amoroso que mantivera com Holly, uma jovem americana separada do marido, terminara, impulsionando ainda mais o desejo do retorno. A correspondência com o irmão o mantinha ciente dos acontecimentos em seu país natal. Udayan lhe conta que se casara com Gauri, a irmã de um amigo, sem a aprovação dos pais. Este fato fez Subhash mais uma vez avaliar o quanto eram diferentes. Udayan se negava a seguir regras e fazia tudo sempre à sua maneira.

Dois anos depois, Subhash recebe uma carta informando a morte do irmão, como resultado das atividades clandestinas que estava exercendo junto ao partido político do qual fazia parte há muitos anos. Ele também descobre que Gauri está grávida e que seus pais desejam tomar a criança. Em conformidade com os costumes locais, Subhash retorna à Índia para assumir a esposa viúva do irmão e levá-la para os Estados Unidos. Para escapar das privações a que estaria destinada na devido à sua condição de viúva e ter a oportunidade de continuar a estudar filosofia, Gauri aceita a oferta do cunhado.

Motivada pela vontade de se distanciar das memórias traumáticas de seu passado, Gauri se mostra aberta às mudanças e a experimentar o modo de vida americano, iniciando de forma rápida o seu processo de aculturação. Ao frequentar algumas aulas na universidade próxima do apartamento onde ela e Subhash haviam se instalado, a jovem começa a ter um contato maior com os alunos da universidade e a desejar assemelhar-se a eles: “Começou a ter

vontade de parecer com as outras mulheres que via no campus, com uma mulher que Udayan nunca vira.” (LAHIRI, 2014, p175). A mudança, iniciada pelo vestuário, culmina com um corte de cabelos:

Alguns dias depois, Subhash chegou ao apartamento e não a viu sentada na sala de estar, como geralmente estava naquele horário, lendo um livro no sofá, fazendo anotações, tomando uma xícara de chá.[...] Alguns minutos depois, ele ouviu um barulho da chave na porta. O cabelo dela agora terminava de repente na altura do queixo, alterando drasticamente seu rosto. Estava de calça comprida e um suéter cinzento. As roupas cobriam o corpo, mas acentuavam o contorno dos seios, o volume firme do ventre. O feitiço das coxas. Ele afastou os olhos, embora já tivesse se imprimido na retina a visão dos seios expostos (LAHIRI, 2014, pp.184-185).

A mudança na aparência é o primeiro sinal concreto de que Gauri passa por um trânsito identitário. Lahiri opta por criar uma personagem feminina que desconstrói a imagem tradicional da mulher indiana, tendendo à assimilação. Segundo Graves (1967), embora a aculturação seja interpretada como um fenômeno grupal que leva a mudanças nas estruturas sociais e nas práticas normativas em um nível macro, há em contrapartida um processo de aculturação que ocorre no âmbito psicológico, que compreende as mudanças decorrentes do contato intercultural, bem como as alterações comportamentais (BERRY, 2005).

À medida que o romance evolui, percebe-se que Subhash tem uma visão bastante tradicional em relação ao papel social da mulher, pois, a despeito de tê-la incentivado e apoiado para que frequentasse a biblioteca da universidade em seu tempo vago, após o nascimento de Bela, ele entende que a esposa deve permanecer em casa cuidando da filha. Apesar de não se amarem, dividem a mesma cama e os cuidados com a criança. Entretanto, por mais que se esforce, Gauri não consegue estabelecer laços afetivos com Bela:

[...] depois de cinco anos, apesar de todo o tempo, de todas as horas que passava com Bela, o amor que antes sentira por Udayan se negava a se reconstruir. Em vez dele, crescia uma insensibilidade que a inibia, que a enfraquecia (LAHIRI, 2014, p. 215).

Com a desculpa de dedicar-se à vida acadêmica, Gauri passa a refugiar-se na biblioteca e constrói uma barreira entre ela, o marido e a filha, até que, finalmente, após a formatura, decide abandoná-los. Na Califórnia, ela se torna uma mulher bem-sucedida e

respeitada em sua área. Todavia, apesar da busca incessante pela assimilação ao novo país, Gauri não é capaz de vencer o preconceito étnico e a discriminação:

Uma vez, convidada a dar uma palestra em San Diego, a universidade enviou um motorista que a pegaria em casa, para não precisar dirigir. Quando ele tocou a campainha, ela o recebeu à porta. Mas o motorista não percebeu, ao ser cumprimentado, que era ela a passageira. Tomou-a como pessoa contratada para abrir a porta da casa de outra pessoa. Avise-a quando ela estiver pronta, disse ele (LAHIRI, 2014, p. 306).

A duras penas, Gauri descobre que os pilares que permitem o acesso à classe média nos Estados Unidos não funcionam para todos. Ainda que os indianos sejam tradicionalmente bem aceitos devido ao seu perfil e seu nível educacional mais alto que boa parte dos imigrantes, as barreiras continuavam existindo:

Apesar de tudo, apesar das roupas ocidentais, dos interesses acadêmicos ocidentais, ela continuava a ser uma mulher que falava inglês com sotaque estrangeiro, cuja aparência física e a cor da pele eram inalteráveis e, tendo como pano de fundo a maior parte dos Estados Unidos, ainda pouco convencionais. Continuava a se apresentar com um nome incomum (...). Por causa da aparência e do sotaque, as pessoas continuavam a perguntar de onde ela era, e algumas faziam certas suposições (LAHIRI, 2014, p. 306).

Essa frustração faz com que repense suas escolhas e atitudes. O projeto de assimilação falhara⁵. Ela nunca estaria em um patamar de igualdade com um estadunidense. Isso, somado ao sentimento de culpa pelo que fizera a Subhash e Bela, a leva a optar pela reclusão, pois “o isolamento oferecia seu próprio tipo de companhia: o silêncio confiável dos aposentos, a tranquilidade constante das noites. A segurança de encontrar as coisas onde deixava, a promessa de não haver interrupções nem surpresas” (LAHIRI, 2014, p. 307).

Sua vida afetiva, conturbada desde a morte de Udayan, nunca permitira um envolvimento mais sério e verdadeiro, até que começa, para seu próprio espanto, a interessar-se por uma de suas estudantes, Lorna. O relacionamento termina bruscamente com a ida de Lorna para Toronto devido a uma proposta de trabalho. Subitamente, se vê na posição de

⁵ John Berry discute em seus textos teóricos que a assimilação, ainda que voluntária, não traz os melhores resultados no âmbito psicológico. Provavelmente, porque não há como apagar totalmente todos os traços da cultura de origem, seja pela impossibilidade de obliterar o passado, seja pelo fato de que não há como ocultar certas características que definem o sujeito como estrangeiro, como o *accent* e o *biotipo*.

Subhash e Bela. Desta vez, era ela a abandonada. “Criara outras versões de si, insistira nessas conversões a um preço brutal. Sobrepondo camadas em sua vida apenas para removê-las, apenas para ficar sozinha no final” (LAHIRI, 2014, p. 311).

Quando, ao fim de alguns anos, recebe o pedido de divórcio, aproveita a oportunidade para tentar restabelecer o elo com a filha, que, no entanto, a recebe mal:

Como se atreve, disse Bela. Como se atreve a pisar nesta casa? Eu sei por que você nos deixou. (...) Faz anos que sei de Udayan, continuou ela. Sei quem eu sou. (...) Nada jamais justificará. Você não é minha mãe. Você não é nada. (...) Para mim, você está morta como ele. A única diferença é que você escolheu me deixar. Ela tinha razão; nada havia a esclarecer, nada mais a dizer. (...) Gauri se dirigiu à porta da frente, desta vez rapidamente. Bela, sem se interromper, não fez nada para detê-la (LAHIRI, 2014, p. 404-405).

A rejeição de Bela a faz voltar à Índia e, uma vez lá, diante de tudo o que poderia ter vivido, não fosse a morte de Udayan, pensa em suicídio, embora não tenha coragem para levar a ideia a cabo. Acaba por retornar aos Estados Unidos e à sensação de fracasso que passou a acompanhá-la. A redenção ocorre quando, meses mais tarde, recebe uma carta de Bela:

Meghna pergunta por você. Talvez perceba alguma coisa. Não sei. Ainda é muito cedo para contar a história a ela. Mas um dia vou explicar quem você é e o que você fez. Minha filha vai saber a verdade sobre você. Nem mais, nem menos. Se, então, ela ainda quiser conhecer e se relacionar com você, estou disposta a facilitar. Isso é com ela, não comigo. Você já me ensinou a não precisar de você e não preciso saber mais nada sobre Udayan. Mas, quando Meghna crescer, quando ela e eu estivermos prontas, talvez possamos tentar nos reencontrar (LAHIRI, 2014, p. 419).

Com esse desfecho, o romance termina, sugerindo não apenas a impossibilidade de um total apagamento do passado, como a necessidade de uma negociação entre culturas.

Identidade e migração em *O xará*

Um dos traços distintivos das primeiras obras de Lahiri reside na projeção da sua experiência de imigrante na concepção das suas personagens, que “são geralmente indianos ou descendentes de imigrantes indianos em um processo de crise de identidade, incapazes de

lidar com um profundo sentimento de inadequação social” (CARREIRA, 2012, p. 81). Em obras subsequentes, Lahiri parte desse *ethos* original, mergulhando em um processo de aculturação já consumado e se detém nas complexas relações entre os imigrantes de primeira geração e seus descendentes. O processo criativo de Lahiri deriva de uma memória étnica que é coletivamente construída, mas não efetivamente experimentada pelas gerações tardias de imigrantes, funcionando como uma memória de segunda mão.

Mais de uma vez a autora mencionou em entrevistas a ausência de elos de pertencimento efetivos, uma vez que possui múltiplos referenciais culturais, como na conferência à imprensa em Calcutá, em 2001, quando afirmou: “Nenhum país é minha pátria. Sempre me encontro no exílio em qualquer país para onde viajo, por isso fiquei tentado a escrever algo sobre aqueles que vivem suas vidas no exílio” (JAWAID, 2001, tradução nossa)⁶.

Se, como afirma Said, quem passa pela experiência do desenraizamento sofre com a perda de contato com a solidez e com a satisfação da terra, seus filhos nascem em outro continente, em um novo país e vivem divididos entre a memória herdada e o mundo empírico em que transitam. Assim, o modo de aculturação dos imigrantes às sociedades de acolhimento depende menos do que acontece à primeira geração do que daquilo que acontece aos seus descendentes (PORTES, 1999, p. 3). O modo como os descendentes de imigrantes se posicionam na direção de cenários de integração ou de exclusão está intimamente relacionada a fatores como a escolarização, a experiência no mercado de trabalho e os modos de interação social. Segundo o artigo “Indian Immigrants in the United States”, de Mary Hanna and Jeanne Batalova (2020), os indianos formam o segundo maior grupo de imigrantes nos Estados Unidos e têm taxas de educação muito mais altas do que as populações americanas e nascidas no exterior em geral.

A personagem central de *O xará* é Gogol Ganguli e sua crise identitária é emblemática pela questão do nome. Descendente de indianos e nascido nos EUA, ele vive um dilema, pois se sente permanentemente na fronteira entre duas culturas, experimentando sentimentos ambíguos em relação à sua herança cultural.

⁶ No original: No country is my motherland. I always find myself in exile in whichever country I travel to, that's why I was tempted to write something about those living their lives in exile. Disponível em: <https://www.rediff.com/news/2001/jan/11jhum.htm>.

Ashima, a mãe do protagonista, é a típica imigrante que resiste à aculturação. Ela se rebela ante a ideia de ter seu filho em um hospital:

[...] Ashima pensa que é estranho seu filho nascer num lugar onde a maioria das pessoas vai para sofrer ou morrer. Não há nada que a conforte no piso de ladrilho branco-cru, nas placas branco-cru do teto, nos lençóis brancos muito esticados sobre a cama. Na Índia, pensa consigo, as mulheres vão para casa dos pais para ter filhos, longe dos maridos e dos parentes do marido, longe dos cuidados da casa, recolhendo-se brevemente à infância quando chega o bebê (LAHIRI, 2003, p.12).

Na Índia, seu filho receberia um nome indiano, escolhido por um ancestral, o que poderia levar meses ou até anos para ser decidido, mas, por ter nascido em solo americano, havia a necessidade de um registro para que a criança deixasse o hospital, e a carta da avó da Ashima, com o nome escolhido, não chegara. Pressionados, Ashima e o marido, Ashoke, o nomeiam Gogol, em homenagem a Nikolai Gogol, autor cujo livro Ashoke estava lendo quando sofreu um acidente do qual saiu ileso.

Assim como outros indianos, seus pais buscavam tecer uma rede de relacionamentos com compatriotas: “Parece que todo fim de semana têm uma nova casa a visitar, um novo casal ou uma jovem família a conhecer. São todos de Calcutá e, por essa razão apenas, são amigos” (LAHIRI, 2004, p.51). Aquela era uma forma de compensação pela distância da terra natal e, simultaneamente, um modo de manter vivas as tradições. Os encontros fortaleciam a construção de uma pátria imaginária (RUSHDIE, 2010), idealizada pela lembrança e a saudade.

É com os amigos que Ashima e Ashoke compartilha um momento especial da vida de Gogol, o ritual da primeira refeição:

Em fevereiro, quando Gogol tem seis meses, Ashima e Ashoke já conhecem gente bastante para receber em grande escala. A ocasião: o annaprasan, a cerimônia do arroz. Não se faz batismo de bebês bengaleses, não se atribui ritualmente nenhum nome aos olhos de Deus. Em vez disso, a primeira cerimônia formal da vida de um bebê gira em torno do consumo de alimento sólido [...] Come três bocadas de payesh. Os olhos de Ashima se enchem de lágrimas quando a boca de Gogol aceita avidamente a colher. Não consegue deixar de desejar que seu irmão estivesse ali para alimentá-lo, e seus pais para abençoá-los com as mãos sobre sua cabeça [...] (LAHIRI, 2004, p.51-52).

Quando está para ingressar na educação formal, o protagonista recebe “um bom nome”, Nikhil: “O nome, Nikhil, é artisticamente ligado ao anterior. Não é só um bom nome bengalês e perfeitamente respeitável que significa ‘aquele que é inteiro, que tudo abrange’, como guarda também uma agradável semelhança com Nicolai, o primeiro nome russo de Gogol” (LAHIRI, 2004, p.71).

Ao longo do romance, Ashima tenta, de todos os modos, preservar a tradição, ainda que criando uma espécie de casulo por meio do qual acredita que evitará que sua família se contamine com a cultura estadunidense. Porém, ela se esquece de que, ao frequentar a escola e interagir com outras crianças, Gogol terá acesso a um conjunto de informações e práticas culturais diferentes das suas. Já no seu primeiro dia de aula, Gogol rejeita o nome indiano, em uma demonstração antecipada da crise que o acompanhará vida afora: um duplo sentimento de inadequação, de um lado a falta de identificação com a cultura ancestral, de outro, um sentimento de marginalização no país onde nasceu e vive.

Ashima tem uma extrema dificuldade para se adaptar à vida nos Estados Unidos e, involuntariamente, alimenta a crise identitária de Gogol, mesmo quando tenta compreender a necessária inserção do filho na sociedade local. Ao comemorar duas vezes o aniversário de Gogol, com uma festa à moda americana e outra à bengalesa e com convidados específicos, ela estabelece os parâmetros para uma identidade hifenada, em que as duas partes têm o mesmo valor. Entretanto, não é assim que Gogol se sente. Como Bhabha (1994, p.21) sinaliza, "Os embates de fronteira acerca da diferença cultural têm tanta possibilidade de serem consensuais quanto conflituosos".

O fato de se apresentar com um nome que remete à sua infância e de oficialmente usar um nome que rejeita torna-se um fardo para o protagonista. Ao solicitar a mudança de nome definitiva para Nikhil, por meio de uma petição legal, ele alega o fato de que o nome Gogol lhe causa constrangimento, além de não se coadunar com nenhuma das duas culturas, nem a americana, nem a indiana.

Segundo Pollak (1992, p. 5), “a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros”. É essa negociação que passa a ser o objetivo do protagonista. Entretanto, ele percebe que, a cada dia, os já frágeis laços com a cultura ancestral se diluem em meio à vivência no país em que

nasceu. Por ser um cidadão estadunidense com raízes bengalesas, ele ocupa um espaço que não é americano e nem indiano, mas sim um terceiro espaço, como diz Bhabha (*apud* RUTHERFORD, 1996), um espaço em que há que estabelecer uma negociação entre dois referenciais culturais. Nesse processo nunca há simetria.

O protagonista passa a compreender melhor a natureza da sua crise pessoal ao assistir a uma palestra proferida na universidade em que estuda por um parente distante. Embora o assunto a ser tratado seja literatura, expõe com clareza a sua condição:

“Teologicamente falando, ABCDs não são capazes de responder à pergunta ‘De onde você é?’, declara o sociólogo da mesa. Gogol nunca ouviu o termo ABCD. Acaba entendendo que são as iniciais de “American-born confused deshi” [confuso deshi nascido na América] (LAHIRI, 2004, p.140).

Por muitas vezes, ouvira seus pais e os amigos deles se referirem à Índia como *desh* e percebe que não a vê como “pátria”, mas exatamente como os estadunidenses a veem, um país denominado Índia. Justamente em um momento da sua vida em que escolhe para si um nome indiano, contraditoriamente, torna-se ciente de que a terra natal de seus pais não é nem nunca será o seu país.

Em uma via contrária, Ashima, que no início do romance comparava a condição de estrangeiro a uma gravidez eterna, um sentimento contínuo de indisposição, cede ao contato intercultural e passa, inclusive, a comemorar festividades como o Natal.

Ashoke realiza seu sonho máximo, ser *visiting scholar* de uma universidade estadunidense, ainda que isso custe, eventualmente, viver distante da família, pois, a essa altura, Gogol está em Nova Iorque, Sonia, a filha, na Califórnia, e Ashima, na casa da família em Pemberton Road. A sua ambição de integrar-se ao *modus vivendi* estaduniense, de construir uma carreira na América, manifestada desde o começo, era um contraste à resistência de Ashima em abrir mão de suas raízes. É em Cleveland, distante de todos, que ele falece:

“Estou no hospital”, ele responde. “O que aconteceu?” [...] “Meu estômago está me incomodando desde cedo.” [...] “Esta trabalhando demais. Você não é mais um estudante. Espero que não esteja com uma úlcera”, diz ela. [...] “Quem levou você aí?” “Ninguém. Estou sozinho. Não é nada grave, verdade” (LAHIRI, 2003, p.192-193).

Após a morte de Ashoke, Ashima decide vender a casa e passar metade do ano na Índia, com o irmão, e a outra metade nos Estados Unidos, como um indivíduo sem fronteiras, sem casa própria, habitante de todo lugar e de lugar nenhum.

Ao longo do romance, Gogol se relaciona com duas mulheres americanas e se casa com uma terceira, de ascendência bengalesa como ele e com o mesmo desejo de ruptura com as tradições dos ancestrais. O casamento fracassa e na cena final do romance, Gogol está de volta à casa dos pais para a última comemoração de natal que Ashima realizará antes da venda e encontra, em seu antigo quarto, o romance de Nikolai Gogol com uma dedicatória escrita por seu pai: “Para Gogol Ganguli, o homem que lhe deu o nome dele, do homem que lhe deu o seu nome”. Em meio aos destroços do trem, após o acidente, Ashoke levantara uma das mãos em que segurava uma página amassada do livro de Gogol, deixando-a cair. Esse gesto mostrou que ainda estava vivo e possibilitou o resgate. Agora, com o pai, morto, ele compreende a importância do legado. Por sua própria vontade, apagara a existência de Gogol Ganguli, optando pelo nome indiano. Não saber o que será do futuro, mas, enquanto no primeiro andar os preparativos para a festa continuam, ele começa a ler o livro que salvara a vida do seu pai.

Considerações finais

Os dois romances brevemente examinados neste artigo focalizam aspectos inerentes à migração. Evidenciam o fato de que as primeiras gerações de imigrantes têm como principal obstáculo a diferença cultural e o impacto da ruptura com o país natal. Muitos passam com certa facilidade por um processo integrativo à cultura do país de adoção; outros são assimilados, mas ainda há aqueles que, devido a uma resistência inicial, experimentam um longo período de crise identitária e nostalgia.

Se para muitos imigrantes existe a ilusão de uma identidade hifenada, isto é, de uma identidade em que ambas as culturas coexistem em pé de igualdade, na prática, segundo Berry (2004) essa negociação intercultural nunca é simétrica e, via de regra, é à cultura natal que cabe a menor proporção, uma vez que a necessidade de interação com a sociedade, local devido ao trabalho e ao estudo, enseja o desenvolvimento de novas práticas sociais.

As gerações seguintes, por terem nascido em outro país, vivenciam outro tipo de crise, causada pela imposição da cultura e tradição dos ancestrais que entram em choque com a cultura local.

As duas obras apontam para uma consciência tardia das personagens de que a memória, conforme Pollak (1992, p. 200) sinaliza, é um elemento constituinte do sentimento de identidade individual e coletiva, na medida em que ela é também “um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”. Como tal, não pode ser voluntariamente apagada, ainda que, no caso específico de imigrantes de segunda geração, seja uma memória de empréstimo e não das experiências vividas.

Por meio das personagens desses dois romances, Lahiri oferece ao leitor visões diversificadas do processo de aculturação, que perpassam a assimilação, ainda que incompleta, a integração e, no caso de Ashima, certo cosmopolitismo desenvolvido tardiamente.

REFERÊNCIAS

BADRINATHAN, Sumitra; KAPUR, Devesh; KAY, Jonathan; VAISHNAV, Milan. Social realities of Indian Americans results from 2020 Indian American Attitudes Survey. June 9, 2021. Disponível em: <https://carnegieendowment.org/2021/06/09/social-realities-of-indian-americans-results-from-2020-indian-american-attitudes-survey-pub-84667>. Acesso em: 04 dez. 2021.

BERRY, John W. Migração, aculturação e adaptação. In: DEBIAGGI, Sylvia D.; PAIVA, Geraldo José de (Org.). *Psicologia, e/imigração e cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 29-45.

BERRY, John W. Acculturation: Living successfully in two cultures. *International Journal of Intercultural Relations*, v. 29, p. 691–712, 2005.

DAGNINO, Arianna. Transcultural Writers and Transcultural Literature in the Age of Global Modernity. *Transnational Literature*, Vol. 4 no. 2, p. 1-14, May 2012.

GRAVES, T D. Acculturation in a tri-ethnic community. *Southwestern Journal of Anthropology*. v. 23, p. 337–350, 1967.

HANNA, Mary; BATALOVA, Jeanne. Indian Immigrants in the United States. *Migration Policy Institute*, October 16, 2020. Disponível em: <https://www.migrationpolicy.org/article/indian-immigrants-united-states-2019>. Acesso em 31 jan. 2022.

HAREL, Simon. Les Mal-logés de l'écriture migrante: trauma et mémoire. Du lieu dans Les raisons de la honte d'Ata Pende. *Essays on Canadian Writing*, Alberta, n. 80, p. 282-304, Fall 2003.

JAWAID, RAFAT. A home-coming to Jhumpa Lahiri. *Rediff.com*. 11 jan. 2011.

LAHIRI, Jhumpa. *Aguapés*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Globo, 2014.

LAHIRI, Jhumpa. *O xará*. Trad. Rafael Mantovani. São Paulo: Globo, 2014.

OUELLET, Pierre. *L'esprit migrateur: essai sur le non-sens commun*. Montreal: VLB, 2005.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

_____. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, v.2, n.3, p.3-15, 1989.

PORTES, Alejandro. *Migrações Internacionais*. Origens, Tipos e Modos de Incorporação. Oeiras, PT: Celta Editora, 1999.

RUSHDIE, Salman. *Imaginary Homelands*. London: Vintage, 2010.

SAID, Edward. *Reflexões sobre exílio e outros ensaios*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Recebido em: 04 fev. 2022.

Aceito em: 25 mar. 2022.